

UM POUCO DE MÚSICA

O PITORESCO E O MUSICAL NO RIO DE JANEIRO

O **Jornal**, do Rio de Janeiro, do dia 20 de agosto de 1856, anunciou, na seção “Gazetilha”, a publicação de um **Album Pittoresco Musical**, recomendado aos amadores de piano. E acrescentava a notícia que o álbum era enriquecido com lindas estampas, desenhadas por Martinet, com vistas de Botafogo, Glória, Jardim Botânico, Boa Viagem, São Cristóvão, Tijuca e Petrópolis. Vendia-se a dez mil réis, à rua dos Ourives, 60. Constava o álbum de sete peças para piano, bem ao estilo da música de salão da época, cada uma tendo por título as localidades indicadas e das quais o litógrafo Martinet compôs as belíssimas ilustrações: **Botafogo** (quadrilha), por Demétrio Rivero; **Glória** (polca), por Eduardo Ribas; **Jardim Botânico** (valsa), por Salvador Fabregas; **Boa Viagem** (redowa), por Geraldo Horta; **São Cristóvão** (xote ou “schottisch”, como se escrevia na época), por Quintino dos Santos; **Tijuca** (polca-mazurca), de J. J. Goyano; e, por último, **Petrópolis** (quadrilha), por A. Campos. A colaboração de Alfred Martinet, artista francês que vivia no Rio de Janeiro desde 1845 e que deixou obras importantíssimas na sua especialidade, valorizou consideravelmente o álbum, que teve ter alcançado imenso sucesso, pois o anúncio logo desapareceu dos jornais e tornou-se peça extremamente rara de nossa “documenta” musical.

Há alguns anos, um colecionador encontrou num antiquário de Londres um exemplar do álbum, cuja existência era praticamente desconhecida e ainda hoje não se sabe da existência de outro exemplar. A conhecida Livraria Kosmos promoveu não apenas a reedição facsimilar do álbum (incluindo todas as estampas de Martinet), como, ainda, promoveu a gravação em disco das sete peças musicais dele constantes, interpretadas pelo pianista austríaco Friedrich Egger. Um prefácio de Francisco Marques dos Santos, então diretor do Museu Imperial de Petrópolis, ao qual o raríssimo álbum foi oferecido, encarregou-se das “duas palavras” de apresentação, mostrando não só a curiosidade da descoberta, como inserindo o álbum no contexto da vida social e musical do Rio de Janeiro de então, da qual vem a ser um dos mais preciosos documentos.

A primorosa reedição da Livraria Kosmos não traz data, mas parece ser de 1958, ano em que tive o privilégio de adquiri-la e naquela época, em parte do dever de ofício, andava bem em dia com a produção discográfica brasileira. Hoje se tornou peça bastante rara, muito prezada pelos seus felizes possuidores. Há pouco, a importante livraria lançou o

álbum com as partituras e as estampas, mas sem o disco. Cumpre informar aos eventuais interessados nesse precioso documento da música brasileira que as sete pequenas peças foram recentemente gravadas pela pianista Clara Sverner, mas infelizmente sem o álbum com as belíssimas estampas de Martinet e sem as partituras. ONM

*

O ÁLBUM DE MÚSICA DE ROSSINI

Com a grande ópera **Guilherme Tell**, de 1829, Rossini praticamente encerrou sua carreira de compositor. E no entanto viveu ainda quarenta anos! Muita tinta tem sido gasta para explicar o “misterioso silêncio” do grande compositor. Não há mistério algum. Rossini – sabem-no todos os que têm algum conhecimento da história da ópera – foi um dos mais prolíficos autores daquele período de transição do classicismo para o romantismo, representado pelos últimos anos do século XVIII e pelos primeiros do XIX. Era a época em que predominava a ópera **buffa** (cômica), campo em que Rossini sentia-se bem à vontade, por estar bem de acordo com o seu temperamento. De fato, ao compor **O Barbeiro de Servilha**, em 1816, (certamente a mais perfeita de quantas óperas cômicas foram escritas), tinha já Rossini em sua bagagem mais de dez óperas no gênero “buffo”, destacando-se, dentre elas, **La Cambiale di Matrimonio**, **L'inganno felice**, **La Scala di Seta**, **Il Signor Bruschino**, **Il Cambio della Valigia**, **L'Italiana in Algeri** e **Il Turco in Italia**.

Com o advento do romantismo, a ópera cômica foi perdendo terreno para a ópera séria, aquela que explorava os sentimentos e as emoções, chegando ao drama e até à tragédia. Que Rossini era capaz de compor óperas no gênero “sério”, provam-no, entre outras, **Semiramis**, **Moisés**, **Tancredi** e **Guilherme Tell**, que veio a ser, de fato, sua última ópera. Mas a ópera séria não era o seu forte. E antes que sua obra redundasse nos dramalhões que freqüentemente surgiam na época romântica, preferiu retirar-se, antes que decaísse. Soube, portanto, retirar-se na hora propícia, o que, infelizmente, nem todos sabem fazer. E viveu, como já se disse, mais quarenta anos, sempre em Paris, participando ativamente da vida artística e social da capital francesa. Dessa época datam apenas algumas peças para piano, poucas e imprecisas, algumas sonatas para cordas, bonitas mas sem originalidade e a “missa solene”, realmente sua última composição, mas que traduz pequena vivência, nada convincente, com a música sacra.

Em março de 1835, teve Rossini um gesto de extrema delicadeza: ofereceu a uma distinta jovem da sociedade parisiense, Mademoiselle Louise Carlier, um álbum com dezessete canções,